

A BARCA DA “PASSAGE”

A barca da *passage* ,era ,desde os primeiros tempos em que as *Xávegas* vindas da Costa Velha, da Sr^a das Areias, em S. Jacinto, aportaram à Costa Nova,ali na primeira década de oitocentos, o único meio de acesso àquele areal na beira mar .Local para onde se tinham vindo postar , as companhas da pesca, atraindo, diariamente, os muitos pescadores empregues nas mesmas, mais o mulherio que ajudava no desembarço e na escolha do peixe ,bem como os *mercantéis*¹, e os muitos almocreves que pela noitinha ,burricos carregados, se embrenhavam por esses caminhos perdidos da serra ,ladeando vales e barrancos, para ao outro dia, logo de manhã,não faltarem com a venda da prateada sardinha ,lá para as Beiras interiores e Bairrada.

¹ Negociantes de peixe

No início, ainda as companhas usaram enviadas para facilitar o transporte ao seu pessoal .Mas a confusão gerada, cedo indicou que o bom sentido era o da privatização (!) daquele meio de transporte, deixando-o nas mãos de barqueiro , que dono da sua própria embarcação ,estava sempre disponível para fazer várias vezes ao dia –e até de noite – ,o transporte, de pessoal e material.

A largada da barca, sem hora rigorosa marcada, era anunciada por um toque singular, roufenho, de um búzio que se ouvia -nesses tempos isentos de outros arruídos incómodos -a um bom quarto de légua de distância.

Antes de largar dos moirões,o arrais dava uma olhadela lá para o fundo do caminho a ver se divisava alguma alma atrasada. E quando tal sucedia, se a distância a percorrer não demorasse mais do que escassos cinco minutos – pelo cálculo do arrais, entendido nesse assunto! - adiava-se a partida .Certo é que tal adiamento, gerava, de imediato, uma *zanguizarra*² dos diabos, com os passantes já embarcados, escalabrados pela demora:

- Eh Ti Norte . *Astão*³ vossomecê quer-nos fazer perder a maré ?!...estipôr...Por causa duma marafona atrasada ,que esteve, foi, entre pernas mais tempo *códevido*⁴ ,e agora nos faz esperar ?!.Largue mas é ...homem dum raio!. Largue que temos *freima*⁵ de chegar á *outrabanda*⁶.

-*Calende-vos*⁷ ou ides a nado, que ides mais depressa –respondia o arrais ,moído de tanta algarviada .

² Barulheira ;algazarra

³ Então

⁴ Do que o devido

⁵ Consumição

⁶ Outro lado

⁷ Calem-se

Chegada a Rosinha Escudeira, a conversa mudava de tom e forma, era imediatamente outra .Aquela gente era muito sabida ,e então no fingimento, umas *doitoras*:⁸

-Ah Rosinha ,*q' uim fim q' ue sempre achegastas* ,⁹filha ! Se não *fossamos*¹⁰ nós ,o raio do Labareda não *esp' rava*¹¹ por ti .Raios do home, c' anda sempre com o fogo entre pernas. E não há quem lho acalme
-Credo!...Fosse eu nova ,e cachopas : o pavio do Toino derreava – faiscava a Alzira «Saltoa»,mulheraça já cansada dos anos ,lá dos Sete Carris, só para adiantar conversa ,para a galhofa.

O Labareda ria-se com tal desfaçatez .Ele sabia que era tudo boa gente .Aquilo eram tudo facécias .Pois numa *astrapalhação*¹² , num momento mais doloroso, eram bem capazes de despir a roupa, para com ela agasalharem uma delas .Gente de acudir, solidária e amiga,mas gente simultaneamente brincalhona ,ladina , tarrinca , naqueles momentos de descontração em grupo .

Ordem de largar ,

o ajudante á proa enterrava a vara no ombro para aproar a barca a oeste .O arrais deixava-a descair um pouco , para logo dar ordem de meter a pá da borda .Leme a meio ,caçava a escota retesando a vela com a dupla laçada na draga , fixando a mareação numa proa apontada ao trapiche da outra banda ,ali ao lado do Salão do Arrais que, se o noroeste ajudava ,poderia ser alcançado em dois bordos.

⁸ Doutoras

⁹ Até que enfim que chegastes

¹⁰ Fossemos

¹¹ Esperava

¹² Atrapalhação ;num momento difícil

Já por diversas vezes, o Labareda chamara a atenção, ao regedor, de que a mota devia ser deslocada para sul, aí uns cem passos, pois, se assim fosse, num só bordo, fazia-se a travessia. Se o vento era frescote – e quase sempre o era, bufando lá do noroeste – cinco a dez minutos eram mais que suficientes para laçar moirão na Costa Nova.

Durante a travessia era uma algazarra; a miudagem correndo a sentar-se no bico da proa, sonhando com o dia em que se sentasse ao leme, a retesar a escota, e rumar, ponteiro, ao outro lado.

Os almocreves que tinham deixado os burricos a descansarem na estrebaria da ti Norta, a recomporem-se da jorna com palha fresca – pois que para cá tinham vindo carregados de azeite lá das serranias, o melhor! –, deitavam contas à vida na tentativa de ler o tempo. Imaginando como seria a noite, em que serra acima, ladeando a ravina, atravessando o riacho, metendo à desbanda por um atalho conhecido...toque... toque..., lá iam por entre pinheirais a zangalhar, assanhados com a ventania da noite que facilitava que por ali surgisse algum marmanjo da rapina, percorrendo ligeiros, os caminhos do interior para lá carrear a sardinha fresca. Por isso, e porque amanhecido o sol era tempo de entregar o carregamento lá para as bandas de Viseu, havia que dar ao pé. Burro e pimpão almocreve.

Por vezes aparecia para atravessar, na barca, o João «Ruço», exímio tocador da concertina que fazia as delícias dos embarcações; encostado à barra da escota, atirava-se ao «*vira que vira*», esbofando a sanfona, enquanto com dedos ágeis percorria os botões das notas. E logo duas pescadeiras saltavam lestras para o centro, saltitando e rodopiando, pés descalços «*sapateando*» nos paneiros, enquanto a voz fina mas timbrada e maviosa da Joaninha «Cantadeira», se fazia ouvir:

Meninas vamos ao vira
Ai! que o vira
É coisa boa

Eu já vi dançar
O vira
Lá p'ρός
Lados de Lisboa

Ai! vira que vira,
E torna a virar,
As voltas do vira
São boas de dar

Enquanto isso ,as cachopas num falazar grazina ,aproveitando o ripanço daqueles breves momentos, lá iam em conversa onzeneira:

- *Astão* Rosinha? foste a ultima a vir lá da vila ,deves saber novidades .Conta-nos lá ,chopa !...

- Novas, só que entrou na barra, o iate do Ti Cachina, vindo lá da estranja .A Ana «Fradoca» foi esperar o homem,o Armando Ramízio .Logo à noite, lá p'ró Arnal, vai ser uma zanguizarra dos diabos .Sete meses de fastio, gentes !...,nem as pulgas incomodam. Chegada a hora, vai ser tempo de medrar menino .*Idas ver* ¹³- ia dizendo a Rosinha.

¹³ Ireis ver

- E olha c'os tempos não estão nada p'ra isso, rapariga. Só vejo fidalgotas a cheirar o frescal, e a desdenharem. Que não presta, dizem ! O que essas delambidas querem, é «dado» . Mas enganam-se . Que cá a Zefa, dado, só ò meu home. E *num* é sempre !. C'ás vezes lá lhe caço uma felpa, a troco do festim. Que não é para o gabar – *q'inté é p'rigoso*¹⁴ com tanta serigaita a q'rer pastar-, mas cá o meu Zé é danado p'rá brincadeira .

- Ah!... Zefa ,*c'alte*¹⁵ ... Tu sabes q'ué bom, porque nunca comeste doutra malga. Amorna-te aí... raios! Tem *relego*¹⁶ nessa língua e não nos *desinquetes*¹⁷, com essas toleimas.

Outra figura que era habitual, de tempos a tempos aparecer a tomar o seu lugar na passagem, era o «*amolador*». Carrinho de roda com os apetrechos para colocar a *gataria* nos barrores esfancados, ou esmeril aconchegado ,pronto para afiar os navalhões da trupe das campanhas , ferramental indispensável ao exercício diário daquelas gentes, precisando do gume bem afiado, capaz de cortar papel em tiras de enfeitar . O ti Francisco da «Gaita», assim chamado por anunciar a sua presença, de porta em porta, por uma gaita de beiços ,com sonoridade distinta e singular, que era o aviso para se ajuntar todo o material a necessitar de reparo, à porta dos palheiros, onde exercia o sei mister.

-Oh Ti «Gaita» –dizia maldosa a Berta «Lamaroa»- vossemecê não é capaz de me pôr três *gatos* numa racha, p'ra a aviar como nova?

-*Asponho*¹⁸ pois então. Cuida-te, *ósdepois*¹⁹ ,porque os gatos miam de noite, se incomodados, e gostam de tripa miúda - respondia sisudo o «Gaita», homem de pouca conversa fiada. Que fiado só os muitos calotes por trabalhos feitos àquela gente, a aguardar paga, à espera de melhor maré .

¹⁴ Que até é perigoso

¹⁵ Vidè

¹⁶ Comedimento

¹⁷ Desinquietar

Tempo de chegar. O arrais media a distância, e, chegado o momento ,orçava, apontando a proa ao vento. Folgada a escota, recolhida a pá da borda para cima da tosta²⁰, o vento e a corrente levavam a borda da embarcação a beijar, suave, o *trapiche*²¹ a que acostavam, para descarrego das gentes.

Era um desaforo. Uma restolhada dos demónios .Todas queriam ser a primeira a colocar o pé descalço no tabuado da mota ,lestas para chegarem à escolha e venda do peixe .Se o não havia fresco ,porque o mar não permitiu lançaço ao meia lua ,carregava-se do *escorchado*²² ,que à falta de melhor ,também tinha clientela.

À volta,no regresso ai fim da jorna , era um *queixumar* de arrenega .

-Danado do mar! Aquele cão anda mais «seco» que trimbaldes de porco capado;o peixe branco está pela hora de morte, não se *lha*²³ pode chegar .Mais caro c'ós pozinhos de maio, milagreiros , da botica do Ti Cunha –queixava-se a Ana «Espadela» maneando a cabeça num esgar de nojo, *ascupindo*²⁴ para a borda..

Mal , *acomparado*,²⁵- que comparações só se podem fazer com os santos- era assim :

¹⁸ Ponho

¹⁹ Depois

²⁰ Travessão onde se pasava o mastro que se inseria na carlinga

²¹ Cais de madeira para atracação de barcos

²² Peixe salgado em dornas depois de estripado

²³ Lhe

²⁴ Cuspindo

²⁵ Comparado

À ida :

- Maria, para onde vais tão pimpona ?!

Para a «festa!!!»

À vinda :

- Maria ?:- de onde vens , cachopa triste:

Da... «festa...»